

PERFIL DAS CAFEICULTORAS DA ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE SANTO ANTÔNIO DO AMPARO-MG (AFASA)¹

Roseani Borges Peixoto²; Jaqueline Nicole Peixoto³; Danielle Pereira Baliza⁴; Francisco Carlos Pedro⁵; Sérgio Parreiras Pereira⁶; Graziany Thiago Fonseca⁷; Josiane Cotrim Macieira⁸

¹ Trabalho financiado pelo CNPq, FAPEMIG e IF SUDESTE MG;

² Bolsista PIBICTI/IF Sudeste MG, Discente de Graduação do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF SUDESTE MG), Bom Sucesso, MG, roseaniborges02@hotmail.com;

³ Discente de Graduação da Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, MG, jaquelinicole@outlook.com;

⁴ Agrônoma, Ph.D. em Agronomia (Fitotecnia), professora do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF SUDESTE MG), Bom Sucesso, MG, danielle.baliza@ifsudestemg.edu.br;

⁵ Agrônomo, mestre em Agronomia (Fitotecnia), extensionista da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER MG), Santo Antônio do Amparo, MG, francisco@emater.mg.gov.br;

⁶ Agrônomo, doutor em Agronomia (Fitotecnia), pesquisador do Instituto Agronômico de São Paulo (IAC SP), Campinas, SP, sergiopereira@iac.sp.gov.br;

⁷ Analista, mestre em Ciências pela UFU, professor do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF SUDESTE MG), Bom Sucesso, MG, graziany.fonseca@ifsudestemg.edu.br;

⁸ Jornalista, mestre em Comunicação Política, presidente fundadora da Aliança Internacional das Mulheres do Café (IWCA Brasil), consultora da ONU MULHERES, Brasília, DF, josianecotrim.iwca@gmail.com.

RESUMO: Este trabalho buscou analisar o perfil das cafeicultoras da Associação dos Agricultores Familiares de Santo Antônio do Amparo, MG (AFASA). Em virtude da participação das mulheres em diversos setores da cafeicultura e da pouca valorização e visibilidade do seu trabalho, tornou-se necessário conhecer o perfil da mulher envolvida com a cultura cafeeira. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, 24 cafeicultoras que participam da AFASA e produzem café foram selecionadas de acordo com critérios de inclusão pré-determinados. Essas mulheres responderam ao questionário estruturado, composto por questões como: dados pessoais, atuação na cadeia produtiva do café, relação trabalho/família, mulher na cafeicultura (realização profissional, desafios, dificuldades, entre outras). Após a aplicação dos questionários, os resultados foram tabulados e analisados estatisticamente. Constatou-se que a maioria das cafeicultoras (54%) não completaram o 9º ano do ensino fundamental e 63% delas nunca fizeram nenhum curso na área de atuação. O que demonstra a necessidade de ofertar para essas cafeicultoras mais oportunidades tanto de estudo formal quanto de cursos para realização das atividades agrícolas. Com relação à etnia, 79% das mulheres participantes dessa pesquisa se declararam ser parda ou negra. A maior parte das cafeicultoras (54%) declararam receber menos de um salário mínimo ou não possui renda mensal. Com relação ao futuro, 87% das mulheres afirmaram o desejo de continuar atuando no setor cafeeiro, pois sentem-se satisfeitas. O presente estudo possibilita a visualização do perfil das cafeicultoras que participam da AFASA, por meio do qual é possível visualizar suas potencialidades e carências. As informações apresentadas visam provocar e auxiliar no planejamento de ações e políticas públicas para melhoria da qualidade de vida dessas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: cafeicultura, mulheres rurais, inclusão

PROFILE OF THE COFFEE GROWERS OF THE ASSOCIATION OF FAMILY FARMERS OF SANTO ANTÔNIO DO AMPARO-MG (AFASA)

ABSTRACT: This study aimed to analyze the profile of coffee growers of the Association of Family Farmers of Santo Antônio do Amparo, MG (AFASA). Due to the participation of women in various sectors of coffee and the lack of appreciation and visibility of their work, it became necessary to know the profile of women involved with coffee culture. After approval by the Research Ethics Committee, 24 Coffee growers participating in the AFASA and producing coffees were selected according to pre-determined inclusion criteria. These women responded to the structured questionnaire, consisting of questions such as: personal data, performance in the coffee production chain, work/family relationship, woman in the coffee shop (professional achievement, challenges, difficulties, among others). After the questionnaires were applied, the results were tabulated and statistically analyzed. It was found that most coffee growers (54%) Did not complete the 9th grade of elementary School and 63% of them never took any courses in the area of activity. This demonstrates the need to offer these coffee growers more opportunities both for formal studies and courses to perform agricultural activities. In relation to ethnicity, 79% of the women participating in this study were declared to be brown or black. Most coffee growers (54%) have declared to receive less than one minimum wage or have no monthly income. In relation to the future, 87% of the women affirmed the desire to continue working in the coffee sector, since they feel satisfied. The present study allows the visualization of the profile of the coffee growers who participate in the AFASA, through which it is possible to visualize their potentialities and shortcomings. The information presented aims to provoke and assist in the planning of actions and public policies to improve the quality of life of these women.

KEY WORDS: Rural women, gender equity, coffee growing

INTRODUÇÃO

O Brasil é o maior produtor e exportador de café, sendo responsável por 26,0% das exportações mundiais (OIC, 2018). Segundo a Conab (2019), a produção nacional de café beneficiado em 2018 foi de 61,66 milhões de sacas de sessenta quilos. Destas sacas, 33,36 milhões foram produzidas no estado de Minas Gerais. Esses dados evidenciam a importância do café para a balança comercial brasileira e também para o estado mineiro.

A cadeia produtiva do café envolve tanto o trabalho de homens quanto de mulheres. Dessa forma, não se pode desconsiderar ou subestimar a atuação das mulheres na cafeicultura. Ela aparece como o centro de formação das articulações no meio rural, conectando, às vezes, através da religiosidade, a família e a comunidade, movimentando a vizinhança para uma mudança de hábitos (LOVATTO et al., 2010).

As mulheres nos dias atuais, vem desempenhando outras atividades além de cuidar do lar, elas atuam de forma relevante nos diversos setores ligados à cafeicultura, mas muitas vezes não participam de decisões estratégicas. Além disso, muitas delas não reconhecem a relevância do trabalho que desempenham, mantendo-se ancoradas em alguma figura masculina, o que dificulta com que sejam vistas, ouvidas e respeitadas como parte interessada e fundamental para o futuro e a sustentabilidade na cafeicultura. Em virtude da participação das mulheres em vários setores da cadeia produtiva do café e da pouca valorização e visibilidade do seu trabalho, tornou-se necessário conhecer o perfil da mulher envolvida com a cultura cafeeira.

Dentro deste contexto, o presente estudo propõe analisar o perfil das cafeeiras da Associação dos Agricultores Familiares de Santo Antônio do Amparo - MG (AFASA), além de dar visibilidade e conscientizar as pessoas sobre a importância da mulher para cadeia produtiva do café, com o intuito de alcançar maior sustentabilidade do setor cafeeiro.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi realizado com cafeeiras ligadas à Associação dos Agricultores Familiares de Santo Antônio do Amparo (AFASA). A AFASA foi fundada em 2008, com sede na cidade de Santo Antônio do Amparo, localizada no Oeste do estado de Minas Gerais. O município conta com 491,725 km² de área total, população em torno de 18.000 mil habitantes e altitude média de 1.000 metros ao nível do mar (SANTO ANTÔNIO..., 2013). A AFASA tem como característica dos associados o uso preponderante de mão de obra familiar no manejo dos cafezais.

A coleta das informações da presente pesquisa foi baseada na aplicação de um questionário estruturado, para o qual foram selecionadas 24 mulheres que participam da AFASA e produzem café. Dessa forma, só fizeram parte deste estudo as mulheres que produzem café e são associadas à AFASA e também aquelas que não são associadas, mas que são esposas e filhas dos associados e estão envolvidas na produção de café. O questionário foi composto por dados pessoais, atuação na cadeia produtiva do café, relação trabalho/família, mulher na cafeicultura (realização profissional, visibilidade, desafios, dificuldades, entre outras questões).

Após a seleção dessas mulheres foi realizado inicialmente um contato telefônico, onde explicou-se resumidamente o motivo e o objetivo da pesquisa, e a partir do aceite, a entrevista foi agendada de acordo com a disponibilidade da entrevistada. Antes do início da aplicação dos questionários, houve um momento para esclarecer de forma mais detalhada como iria ser realizada a pesquisa, bem como a importância do referido estudo para a cadeia produtiva do café. Além disso, assumiu-se o compromisso de esclarecer as dúvidas que poderiam surgir durante a entrevista. Houve também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual as entrevistadas assinaram, aceitando participar voluntariamente desta pesquisa, sem nenhum custo, livre de qualquer forma de remuneração e sem identificação em nenhuma publicação que resultasse deste estudo.

Os dados levantados pela pesquisa foram tabulados e organizados. Após a sistematização dos dados, os mesmos foram analisados por meio do software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciens) (HAIR JUNIOR et al., 1995).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A maioria das cafeeiras (42%) disseram ter entre 46 e 59 anos (FIGURA 1). Em um estudo sobre a dinâmica das relações de gênero na cafeicultura, com ênfase no setor produtivo, realizado no município de Bom Sucesso – MG, os autores entrevistaram 28 mulheres e verificaram que a maioria das cafeeiras apresentam idade entre 46 a 59 anos (BALIZA et al., 2017), o que corrobora os achados do presente estudo. Dentre as 24 cafeeiras entrevistadas no presente estudo 54% afirmaram possuir o ensino fundamental incompleto (50%) ou não são alfabetizadas (4%), ou seja, não completaram o 9º ano (FIGURA 2). O que confirma os resultados encontrados por Meira et al (2013), em um estudo realizado no município da Barra do Choça na Bahia, em que os autores entrevistaram 25 mulheres que atuavam no setor da cafeicultura e verificaram que a maioria das entrevistadas (52%) possuíam o ensino fundamental incompleto (MEIRA et al., 2013).

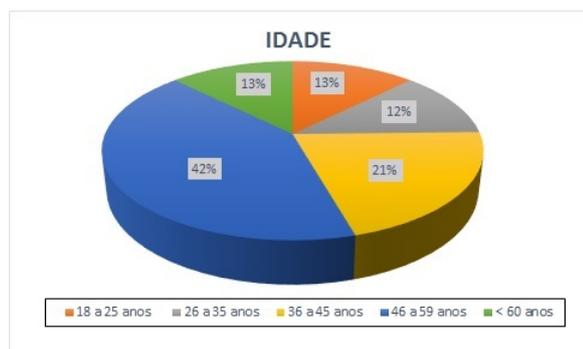


Figura 1. Idade das cafeicultoras.

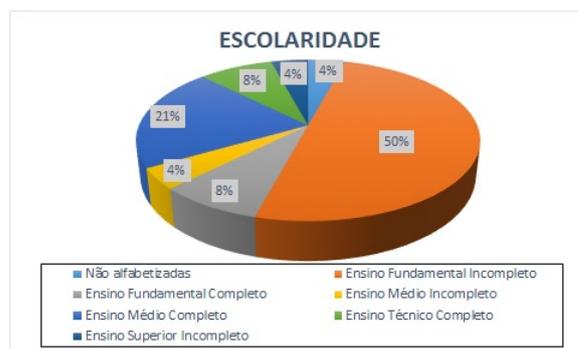


Figura 2. Escolaridades das cafeicultoras.

A maioria das entrevistadas se declararam pardas (46%), enquanto 33% se alto-denominaram negras. Apenas 17% das cafeicultoras se declararam brancas, e por fim, somente 4% se consideraram asiáticas (FIGURA 3). Observa-se que o somatório das mulheres pardas e negras chega a 79%. No trabalho realizado por Baliza et al. (2017) no município de Bom Sucesso - MG, com cafeicultoras associadas e outras não associadas a cooperativa os autores verificaram que a maioria das cafeicultoras não cooperadas se alto-denominaram pardas (57%) diferentemente das cafeicultoras associadas à cooperativa em que a maioria se declarou branca (71%). Os dados encontrados no presente estudo reforçam os resultados obtidos por Baliza et al. (2018), que constataram que as mulheres pertencentes aos perfis com os maiores rendimentos são em sua maioria brancas, enquanto aquelas com menor rendimento são representadas, principalmente, por pardas (43,5%) e negras (33,7%). Conforme pode ser observado a renda das entrevistadas é baixa, isto é, mais da metade das mulheres (54%) afirmaram receber menos 1 salário mínimo ou não possuem renda mensal (FIGURA 4).

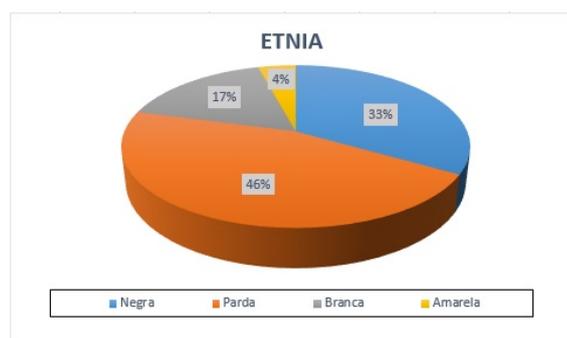


Figura 3. Etnia das cafeicultoras.

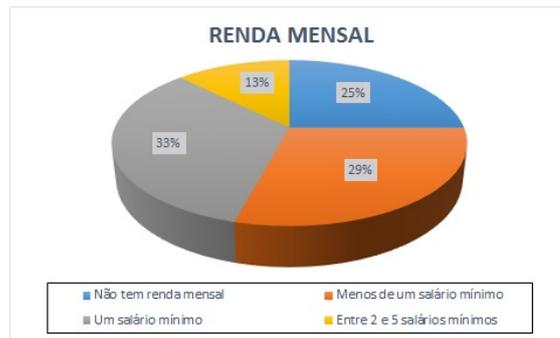


Figura 4. Renda mensal das cafeicultoras.

Com relação à composição do núcleo familiar verifica-se um maior percentual (83%) de famílias nucleares, ou seja, famílias constituídas pelo casal e seus filhos (FIGURA 5). De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006) 78% das famílias rurais é formada pelo núcleo básico, situação não diferente de dados urbanos onde 74% são famílias tradicionais. A maioria das cafeicultoras (63%) relataram que em suas casas residem entre 4 a 6 pessoas (FIGURA 6), ou seja, a maior parte das mulheres (80%) possuem entre 2 a 4 filhos (FIGURA 7).

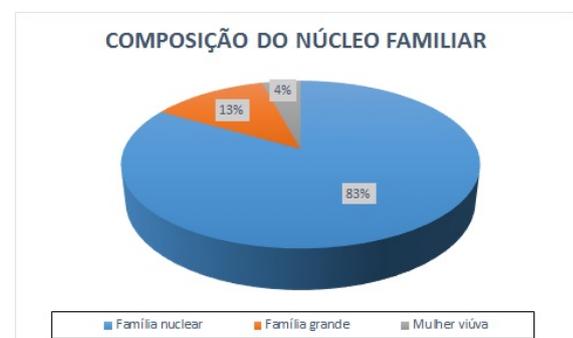


Figura 5. Núcleo familiar das cafeicultoras.



Figura 6. Quantidade de moradores na casa.

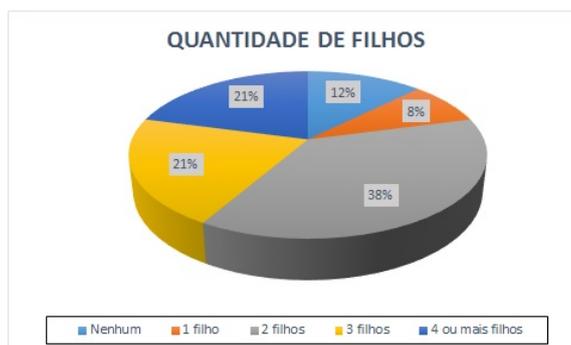


Figura 7. Quantidade de filhos das cafeicultoras.

No que diz respeito a caracterização das mulheres quanto ao “Conhecimento específico da atividade cafeeira”, ou seja, uma estimativa de quantos cursos realizaram nesta área desde que entraram na atividade. A maioria das cafeicultoras (63%) nunca realizou nenhum curso ligado à cafeicultura e ou atividades agrícolas, enquanto 25% realizou entre 1 e 2 cursos e apenas 13% realizou de 3 a 4 cursos (FIGURA 8). A maior parte das entrevistadas (67%) atua na área há mais de 8 anos (FIGURA 9), contudo, as mesmas ainda não realizaram cursos ligados à sua área de atuação. Observa-se também que 54% dessas mulheres possuem o ensino fundamental incompleto ou não são alfabetizadas, ou seja, não completaram o 9º ano (FIGURA 2). Diante dessas constatações, verifica-se que as cafeicultoras participantes da AFASA necessitam de maiores oportunidades de estudo tanto formal quanto de cursos para realizarem atividades agrícolas. O investimento em formação e capacitação das mulheres rurais para os trabalhos agrícolas pode ser tão importante e urgente quanto o ensino formal, já que aquele aprendizado poderia contribuir para diversificar as opções de trabalho das mulheres, elevar sua renda pessoal e fortalecer sua posição pessoal (TEIXEIRA, 1994).

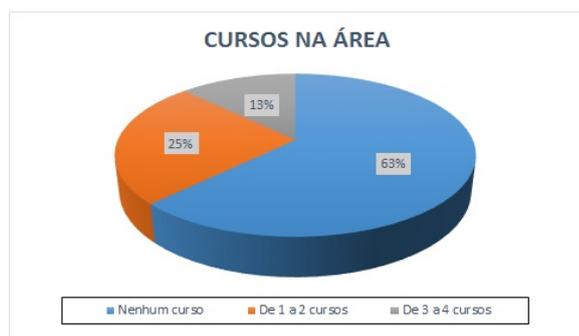


Figura 8. Cursos realizados pelas cafeicultoras.



Figura 9. Tempo de atuação das cafeicultoras na área.

A maioria das mulheres respondentes escolheram a cafeicultura por influência dos pais, familiares ou marido (50%), outras 29% entraram na área por interesse próprio, enquanto 17% iniciaram suas atividades no setor cafeeiro por oportunidades (FIGURA 10). Para algumas mulheres, a influência familiar funciona como alavanca para a tomada de decisão de trabalhar com o café. Pais e maridos são citados como aqueles que incentivaram o envolvimento com esse produto agrícola. Para outras, o sonho de trabalhar com o café e ainda as condições econômicas favoráveis do setor, foram os fatores de maior influência nas suas decisões (BALIZA et al., 2018). A maior parte das cafeicultoras declararam que compraram a propriedade rural (38%) (FIGURA 11). Esse resultado difere do encontrado por Baliza et al. (2018) onde os autores ao estudarem o perfil das cafeicultoras verificaram que 50% das entrevistadas recebeu a propriedade rural como herança.

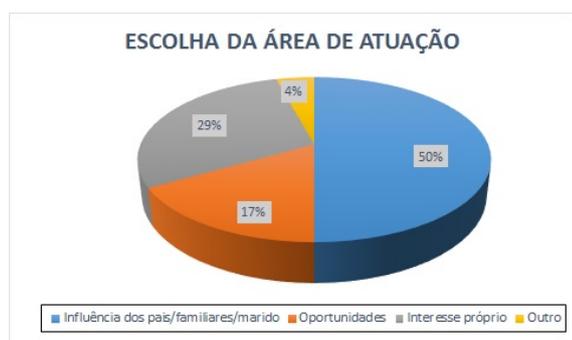


Figura 10. Escolha da área de atuação.

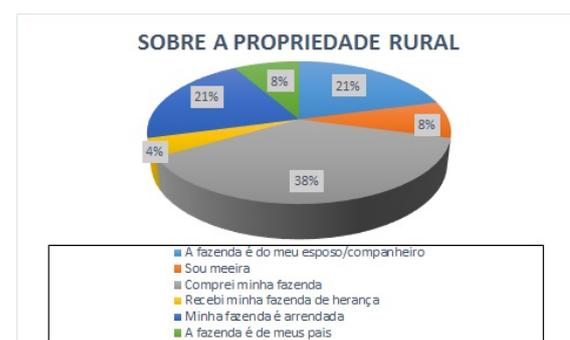


Figura 11. Forma de aquisição da propriedade rural.

Quando as cafeicultoras foram questionadas se possuíam ou não o cartão de produtora rural nota-se que 75% das respondentes afirmaram possuir o cartão o que corrobora com a sua autonomia e reconhecimento como produtoras rurais (FIGURA 12). A maioria das entrevistadas não moram na propriedade rural (88%) (FIGURA 13).



Figura 12. Possui cartão de produtora rural.



Figura 13. Cafeicultoras que moram na propriedade.

Com relação a produção anual de café verifica-se que 46% das cafeicultoras produziram entre 51 a 100 sacas de café beneficiado, enquanto 21% das entrevistadas afirmaram produzir até 50 sacas. Os outros 33% são de cafeicultoras que produzem mais de 200 sacas de café (17%) e aquelas que declararam produzir entre 101 a 200 sacas (16%). Rosa (2014) ao estudar 31 produtores rurais associados à AFASA verificou que a produção anual de café por propriedade rural ficou dividida, possuindo as maiores médias entre: 51 a 100 sacas (32,3%) e até 50 sacas (32,3%), o que corrobora em parte com os resultados encontrados no presente estudo.

A diversificação da exploração agrícola na propriedade rural é considerada uma boa prática agrícola (ROSA, 2014), além de ser extremamente importante para aumento de renda das pequenas cafeicultoras, identifica-se que 62% das respondentes diversifica sua produção com espécies leguminosas, gramíneas entre outras o que colabora com o aumento da renda dessas mulheres (FIGURA 14). Esta realidade talvez ajude a explicar o fato de 92% das cafeicultoras custearem sua produção com recursos próprios e apenas 8% realizarem financiamentos. Com a diversificação existe a possibilidade de subsidiar as despesas e, também aumentar a renda mensal da família (FIGURA 15).



Figura 14. Diversificação da produção agrícola.



Figura 15. Recursos financeiros que custeiam a produção.

No que diz respeito à satisfação quanto à qualidade de vida 67% das cafeicultoras declararam estar satisfeitas, 21% estão muito satisfeitas, enquanto 12% estão pouco satisfeitas (FIGURA 16). Isto sugere que apesar das condições adversas que essas mulheres encontram (renda e escolaridade baixa), elas não desanimam e continuam realizando suas atividades com satisfação dentro do sistema agroindustrial do café. Resultado semelhante foi observado em um estudo realizado no município da Barra do Choça – Bahia, os autores constataram satisfação das mulheres que trabalham com a cafeicultura. De acordo com os autores estas mulheres possuem autoestima elevada, pois estão satisfeitas com sua vida, que inclui o trabalho com o café, a família, ter seu próprio dinheiro para comprar o que desejam ou investir em algo novo (MEIRA et al., 2013). A questão apresentada na Figura 17 refere-se ao futuro dessas mulheres na cafeicultura. Dentre as entrevistadas 58% querem continuar atuando no setor, 29% pretendem estudar para conseguir um emprego melhor na área na qual já atuam, enquanto 13% pretende aposentar. Baliza et al. (2018) ao analisar o perfil das cafeicultoras constatou que 95% das entrevistadas têm o desejo de continuar produzindo café.



Figura 16. Qualidade de vida das cafeicultoras.



Figura 17. Futuro na cafeicultura.

CONCLUSÕES

O presente estudo possibilita a visualização do perfil das cafeicultoras que participam da AFASA, incluindo dados sobre diversidade étnica, econômica e educacional dessas mulheres. Dessa forma, as informações apresentadas visam provocar e auxiliar no planejamento de ações e políticas públicas para melhorar a qualidade de vida dessas mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONAB- Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento da Safra Brasileira de Café. Primeira estimativa, janeiro 2019. Disponível em: https://www.conab.gov.br/component/k2/item/download/24572_0d93c50ad02a492689d26f1319defa39.
- BALIZA, D.P. et al. Perfil das mulheres na cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso – MG. Revista Gênero, Niterói, v. 18, n. 1, p.75-92, 2017.
- BALIZA, D.P. et al. Mulheres dos cafés do Brasil. Embrapa Café. Cap.9, p.137-159. Brasília, DF, 2018.
- HAIR JUNIOR, J. F. et al. Multivariate data analysis. 4th Ed. New Jersey: Prentice Hall, 1995.
- IBGE. Censo Agropecuário 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/>. Acesso em: 5 jun.2019.
- LOVATTO, P. B. et al. Gênero, sustentabilidade e desenvolvimento: uma análise sobre o papel da mulher na agricultura familiar de base ecológica. Redes, v.15, n.2, p.191-212,2010.
- MEIRA, A. L. et al. Uma abordagem sobre o papel da mulher na cadeia produtiva do café no município da Barra do Choça – Bahia. In: VIII Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil, 2013, Salvador. Sustentabilidade e inclusão social. Brasília: Embrapa Café; 2013. Disponível em: <http://www2.uesb.br/especializacao/gestao-cafe/wp-content/uploads/2014/07/Ariana-Lisboa-Meira.pdf>. Acesso em: 10 nov.2019.
- OIC - Organização Internacional do Café. Trade Statistics Tables. Disponível em: http://www.ico.org/trade_statistics.asp. Acesso em: 13 jun. 2019.
- ROSA, B.T. Caracterização das boas práticas agrícolas e roteiro metodológico para a certificação da cafeicultura familiar do Sul de Minas. 2014. 145 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2014.
- SANTO ANTÔNIO do Amparo. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Ant%C3%B4nio_do_Amparo. Acesso em: 04 abr. 2017.
- TEIXEIRA, Z.A. Perspectiva de gênero na produção rural. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, p. 85. Brasília, DF, 1994.